

OLIVEIROS S. FERREIRA

O espelho trincado

Para quem esteve ausente e regressa, o cristal do espelho apresenta uma pequena trinca. Não são as brincadeiras de esconde-esconde que os partidos ditos aliados do governo fazem em torno das propostas de reforma da Constituição, especialmente a da Previdência. Não são os sinais de que a bancada federal do PSDB está magoada porque não participa das decisões. Não são os protestos — cuidado com eles, se se avolumarem em votos! — dos deputados novos que não se querem submeter aos “velhos”. (Na Constituinte, foi assim: como os recém-eleitos não queriam acolher os conselhos dos que já conheciam o Congresso, as lideranças deixaram de existir. Até hoje.) É tudo isso e mais alguma coisa — essa alguma coisa é o real.

Não se discute o acerto técnico das medidas adotadas pela Fazenda e pelo Planejamento. Todos já falaram disso — não se disse, no entanto, que a ex-ministra Zélia Cardoso de Mello tinha razão quando esbravejava contra a “cultura inflacionária” do povo brasileiro. Que coisa tem a ver a professora Zélia com as faixas do real? Quanto aos fatos, como se diz nos inquéritos da Polícia Federal, praticamente nada. Mas não são os fatos

que importam agora que o cristal está trincado, o cristal da confiança. É a percepção dos fatos. Por isso a “cultura da inflação” é tema relevante para meditação numa sexta-feira que com certeza terá chuvas à tarde, precedidas de nuvens negras e presagas. O erro da profa. Zélia foi ser otimista — como Robespierre e os tchekistas de Lenin. Como a natureza humana é boa, pensavam os otimistas, a cultura inflacionária se muda por decreto (felizmente não havia guilhotina, nem Lubianka no governo Collor, apenas medidas provisórias). O presidente Fernando Henrique Cardoso e seus ministros não cuidavam desse tipo de meditação sorreliana sobre a vantagem de ser pessimista e, portanto, de duvidar da importância dos decretos. Também não eram nem são otimistas co-

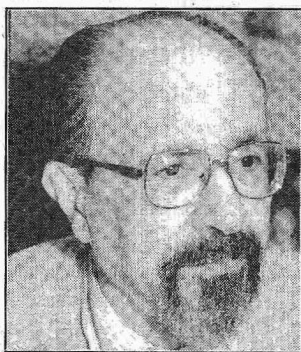
mo a profa. Zélia, mas acreditaram em que os outros acreditavam neles. Acreditaram — e por acreditar deixaram de procurar “derivativos” no dólar (já que não podiam jogar na Bolsa de Tóquio como o agente do Baring) e cuidaram de consumir em reais. Poucos foram os que ousaram pensar que os agentes econômicos que vivem numa “cultura inflacionária” não admitem que seu *hedge* perca credibilidade. O governo concretou (como os mafiosos faziam com seus rivais na construção civil, que jogavam no Rio Hudson) a confiança de todos na imutabilidade do real. Pouco importa que nos discursos se encontre referência à necessidade da reforma fiscal, ao fato de que a âncora cambial não era a única a segurar o barco ancorado em águas

bravias; para os milhares de agentes econômicos da “cultura inflacionária” o real era a garantia de que seu futuro estava assegurado — era a um tempo o seu ativo real de fato e o “derivativo” com o qual supunham estar protegidos. Quando a realidade se impôs e as faixas (as bandas) mudaram, o cristal trincou. Não porque perdessem dinheiro, mas porque a âncora em que eles estavam parados (o real) não era mais confiável.

Uma rachadura no espelho de

cristal não tem conserto. Ficará nele eternamente, ou terá fragilizado de tal maneira a estrutura molecular que ao menor abalo o espelho se estilhaçará. Ao voltar, não reparei apenas na trinca — notei que há químicos e físicos cuidando de estudar a estrutura molecular do cristal. Há alguns com maior ciência e arte, outros desastrados, mas que produzem barulho suficiente para que aqueles que já não têm mais derivativos acreditem que o espelho não é mais o mesmo.

Os tempos que se avizinham são dignos de ser observados. Não é preciso procurar informações privilegiadas; neste país em crise há pelo menos 65 anos, tudo o que é relevante é ostensivo. A pena é que o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não se tenha capacitado disso.



■ Oliveira S. Ferreira é diretor do “Estado”

Para os agentes da “cultura inflacionária” o real era a garantia de futuro